

Resenha

CAPITALISMO PARASITÁRIO: E OUTROS TEMAS CONTEMPORÂNEOS

Review

PARASITIC CAPITALISM: AND OTHER CONTEMPORARY THEMES

Adriano Machado Oliveira

Mestre em Educação pela UFSM.

Unidade de Licenciaturas
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Araguaína – TO – Brasil**Endereço:**Campus de Araguaína
Av. Paraguai, s/n
Setor Cimba – Araguaína – TO
CEP: 77814-970**E-mail:**

psic.adriano_oliveira@yahoo.com.br

A presente obra “Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos” constitui-se em um conjunto de ensaios e entrevistas do eminente sociólogo polonês Zygmunt Bauman, cuja centralidade das análises aponta, dentre outros pontos, para a pluralidade de incidências sociais e subjetivas que o capitalismo, em sua atual fase, faz repercutir sobre os sujeitos.

Nos dois primeiros capítulos, o autor efetua uma análise teórica e argumentativa, para nos três seguintes dedicar-se às respostas de questionamentos, organizados em três temáticas distintas. Bauman, nesta obra, efetua uma análise contundente das atuais vicissitudes que o neoliberalismo em vigor no mundo globalizado produz tanto nos itinerários individuais de vida como nas áreas da sociedade antes resistentes às intempéries econômicas, como a educação escolar.

No presente livro, o leitor encontrará na obra do professor emérito das Universidades de Varsóvia e Leeds uma compreensão da atual crise econômica recentemente vivida nos Estados Unidos e que repercutiu para centenas de outros países, no mundo inteiro, evidenciando o que o autor demonstra ser um comprometimento entre os atuais governos democráticos e a vigência de políticas de mercado que assujeitam homens e mulheres a uma vida repleta de dívidas, na qual a única participação legítima e outorgada pela sociedade de consumo se faz por meio de uma interminável jornada na busca de mercadorias logo substituídas e pela assunção de empréstimos bancários que possam permitir que essa modalidade de cidadania prossiga em curso. Como afirma Bauman, “como todos os parasitas, [o capitalismo] pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro...” (p.8-9).

Em todos os capítulos da presente obra, por conseguinte, Bauman deixa evidenciar o objetivo de sua análise: questionar os efeitos sociais das políticas neoliberais e seus fundamentos, demonstrando o indubitável laço que se estabelece entre estratégias de vida e sociedade de consumo, de maneira que o atual ritmo da produção de mercadorias e a sua ávida substituição têm repercutido mesmo entre as relações inter-geracionais, gerando dúvida e desconfiança nos vínculos entre jovens e adultos.

No primeiro capítulo, “Capitalismo parasitário” (páginas 7 a 32), Bauman evidencia o que ele considera como a principal estratégia, embora velada, de reprodução do sistema capitalista: a oferta

continua de crédito pelos bancos a jovens e adultos, de modo que estes últimos sejam disciplinados não mais no antigo hábito burguês da poupança a longo prazo, mas na busca de suas satisfações imediatas, sempre que estas estejam ao alcance do digitar das senhas de um cartão de crédito. Para sustentar sua análise, Bauman aponta para a solução encontrada pelo então secretário do tesouro dos Estados Unidos, quando da crise econômica que arruinou a economia americana: capitalizar os bancos e incrementar o crédito novamente. Nesse sentido, o autor argumenta que nenhum dos fundamentos das atuais políticas econômicas e das estratégias de vida consumistas que elas propõem foi colocado em questão – ao contrário, buscou-se "... uma tentativa de recapitalizar as empresas emprestadoras e reabilitar seus devedores para o crédito [grifo do autor], de modo que o negócio de emprestar e pedir emprestado possa voltar à 'normalidade'" (p. 23). Ao discorrer sobre os aspectos recentes da crise econômica mundial, Bauman enfatiza a estreita cumplicidade hoje vigente entre Estado e mercado, sinal inequívoco de que os efeitos subjetivos, antes de serem considerados nocivos aos cidadãos, são habilmente manipulados para que estes prossigam tal como adictos em abstinência: "as raízes da dor da qual nos lamentamos hoje... estão profundamente entranhadas no modo como nos ensinam a viver: em nosso hábito, cultivado com cuidado e agora já bastante arraigado, de correr para os empréstimos cada vez que temos um problema..." (p. 24). Assim, o autor conclui que as atuais políticas de governo têm nos interesses do mercado um de seus pilares: "... seu efeito principal (e intencional, embora não abertamente declarado) é avaliar/ permitir/garantir a segurança e a longevidade do domínio do mercado [grifo do autor]" (p. 31).

No segundo capítulo, "A cultura da oferta" (p. 33-72), o sociólogo direciona sua argumentação para a vigência de uma cultura totalmente distinta daquela protagonizada na fase sólida da modernidade, na qual as instituições sociais sobreviviam aos ciclos individuais de vida e na qual a formação do cidadão e o seu cultivo eram preconizados como importantes na estruturação dos estados nacionais. De outro modo, Bauman aponta para o predomínio de uma cultura em que prevalece a sedução – o engajamento rápido e flexível –, e para o debilitamento dos vínculos interpessoais nesse tipo de sociedade. Nesse ponto, utiliza-se de uma nova metáfora, o levantar e o lançar âncoras, em substituição de desenraizar e desencaixar, anteriormente utilizadas por ele: "... a metáfora da âncora capta o que escapa à metáfora do "desenraizamento": o entrelaçar entre continuidade e descontinuidade na história de todas as identidades contemporâneas..." (p. 39). Ainda no mesmo capítulo, o autor disserta sobre dois importantes temas para a área da educação por meio dos subtítulos "novos desafios para a educação" (p. 40-60) e "a relação professor/aluno na fase líquido-moderna" (p. 60-72). No primeiro, Bauman analisa a forma descompromissada de relação com o mundo com que a sociedade de consumo forja os sujeitos: "... é muito mais atraente o conhecimento criado para usar e jogar fora, o conhecimento pronto para utilização e eliminação instantâneas..." (p. 42). Por conseguinte, a cultura da aprendizagem e da memória a longo prazo cede lugar para engajamentos flexíveis perante uma multiplicidade de informações televisivas, virtuais, impressas que logo dão lugar a outras, velozmente. Para o autor, a antiga tarefa de representar para os alunos o mundo tal como ele é e auxiliar a formação de uma personalidade adequada para viver em um mundo previsível já não se faz mais possível. Tal contexto "... é contrário a tudo que a aprendizagem e a educação representaram na maior parte de sua história..." (p. 46). Em seguida, Bauman conclui: "hoje, uma memória tão solidamente ancorada parece ser potencialmente incapacitante, em muitos casos, desorientadora, outros tantos, quase sempre inútil" (p. 46). No segundo subtítulo do capítulo, o autor se dedica à análise da atual discrepância inter-geracional entre jovens e adultos. Para ele, tal situação se deve ao domínio de distintas habilidades sociais por parte dos jovens – justamente contrapostas àquelas de seus pais e mestres –, em que o surfar na Internet, conectar-se/desconectar-se e o "use e jogue fora" (p. 67) divergem das antigas práticas de indagar, aprofundar e ser fiel a projetos.

Nos capítulos que seguem, o livro é composto de entrevistas compiladas em três temáticas. Em "a sociedade do medo" (p. 73-81), mais uma vez o nexos entre governos e mercado é ressaltado, na medida em que o ambiente de insegurança descrito pelo autor, no qual um medo difuso impera, sem que os sujeitos consigam identificar suas origens precisas (empregos instáveis, violência, relações frágeis, etc.), se faz interessante para a sociedade de consumo. Para Bauman, em tal contexto, os sujeitos compram mais, na tentativa precária de se sentirem mais seguros. Na entrevista "Corpo em contradição" (p. 83-85), por sua vez, o autor sinaliza que bulimia e anorexia nervosas se mostram psicopatologias engendradas em nossa cultura, já que esta produz mensagens contraditórias, como convidar os sujeitos a desfrutarem intensamente dos prazeres da

vida (físicos, sensoriais, alimentares...) e, ao mesmo tempo, lançar a advertência “mantenha-se adequado, mantenha-se em forma” (p. 85), como restrição pessoal e cuidado de si. Assim como nos outros capítulos de entrevista, os quais contêm também perguntas referentes a outras obras já lançadas pelo autor, no capítulo “Um homem com esperanças” (p. 87-92), Bauman assinala que sua forma de analisar os fatos sociais não é otimista e tampouco pessimista, porém assevera: o mundo em que vivemos pode ser melhor. Ao concluir, o autor demonstra crer nas possibilidades de escolha do ser humano, em que pesem as vicissitudes materiais com que as trajetórias individuais de vida se deparam, distintamente.

“Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos”, por tudo isso, constitui-se em mais uma obra relevante de Zygmunt Bauman, ao abordar de forma clara e objetiva temáticas que expõem os dissabores e as contradições dos modos de vida capitalista no contemporâneo e ao levantar hipóteses consistentes sobre dilemas extremamente atuais para a educação, como as dificuldades relacionais entre jovens e educadores e a crise do conhecimento em uma cultura da informação.

NOTAS

¹ Grifo nosso.

Resenha recebida em 25/07/2011
Aprovada em 02/09/2011